



(IN)TOLERÂNCIA E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

NADJA DO COUTO VALLE*

Resumo: No passado, a intolerância individual engendrou a intolerância intra- e inter-religiosa, como as Cruzadas, a Inquisição, os “bruxos” da Idade Média, o Auto de Barcelona. Hoje, a humanidade transita do individualismo e do egoísmo para o altruísmo, na aceitação das diferenças, no diálogo como esforço ontológico entrelaçado com reflexões práticas, na relação-diálogo com Deus através do próprio homem, principalmente no universo das religiões. Isto se dá no espaço fenomenológico entre os seres, engendrando a ética do inter-humano e o “entre” como categoria, a ética da compreensão que se inscreve na filosofia da tolerância, a abertura subjetiva do *sin-pathós* para com o outro. A tolerância é atitude consciente, humana, sem restrições, compreensiva. Atingidos certos níveis de consciência, o *homo religiosus* trabalha no diálogo fé-razão, preconizado pelo espiritismo, de Allan Kardec, passando a ser intolerante apenas com o intolerável, quando afronte os valores superiores do espírito. Compreensão, tolerância, amor – privativos do espírito, são hoje, para a ciência, matriz de saúde mental e física, e conseqüentemente social, construindo assim a paz no mundo.

Palavras-chave: (In)Tolerância; Diálogo inter-religioso; Espaço fenomenológico; Matrizes psíquicas; Ética inter-humana.

(In)tolerance and interreligious dialogue

Abstract: In the past, individual intolerance engendered intra- and inter-religious intolerance, such as the Crusades, the Inquisition, the “witches” in the Middle Ages, the Barcelona Act. Today, Humanity shifts from individualism and egotism to altruism, in the acceptance of differences, in the dialogue as an ontological effort interwoven with practices enlightened by reflexions, in the dialogue-relation with God through the man himself. This occurs in the phenomenological *locus* among individuals and beings, engendering the Ethics of the Inter-human and the “in-between” as a category, the Ethics of Comprehension and Understandingness, inscribed in the Philosophy of Tolerance, the subjective openness of the “sin-pathós” towards “the other”. Tolerance is a human, conscious attitude. Reaching certain levels of consciousness, the *homo religiosus* operates on the faith-reason dialogue, as anticipated by Spiritism, by Allan Kardec, thus being intolerant only with the intolerable. For science, today, comprehension, tolerance, love are the matrix of mental, physical and social health, thus contributing for the construction of peace in the world.

Key-words: (In)Tolerance; Inter-religious Dialogue; Phenomenological *Locus*; Psychic Matrixes; Inter-human Ethics.

*Doutora em Filosofia, Mestre em Educação, Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Amados, se Deus de tal maneira nos amou,
devemos nos amar uns aos outros.
(João 4:11)



Na grande (a)ventura da jornada evolutiva na Terra, a Lei de Deus conduz o homem à conquista de virtudes, e a tolerância é uma delas – a ser desenvolvida pelo contato, pelo estar-com-o-outro, que estudamos, na doutrina espírita, como Lei de Sociedade, que se inscreve na lei natural – e que hoje, fortemente movimentada pelo fenômeno da globalização ou socialização global como imperativo, ajuda a criar uma tolerância ativa das diferenças.

Há duas formas básicas de abordar um tema: enfatizar o lado negativo ou o positivo, comentando mais rapidamente a que requer transmutação no positivo – este o caminho que o convidamos a seguir conosco, pois não é pela categoria da ruptura que nos colocamos diante do tema, mas pela busca, pela análise dos elementos fundantes da postura da tolerância e da intolerância, inclusive no âmbito da(s) religião(ões), do ponto de vista do indivíduo e de sua relação com a religião.

1 O DIÁLOGO

Desde Sócrates, o diálogo é instrumento de conhecimento, visando clarificar ideias, auscultar posições cristalizadas, esclarecer as motivações de nossas percepções, julgamentos, ações, e até mesmo convicções. É mais do que uma técnica, é um método. Todo método viabiliza-se através de técnicas, e sua prática, neste caso, favorece o contato e a integração de ideias e pessoas, favorece e mesmo engendra novas visões de mundo e de relacionamentos, como exemplificado nos diálogos de Sócrates, escritos por Platão, e inscreve-se, portanto, em processo de educação recíproca. A própria palavra, em seu étimo grego, mantém esse alto significado: “diá-”, através, e “logos”, palavra, conhecimento, portanto, entendimento por meio da conversa, da troca; e em sua acepção mais antiga, “logos” significa relação, relacionamento. No encontro entre pessoas, no sentido socrático, circulam percepções, visões de mundo, significados, sentidos, opiniões, e a palavra serve à união e não à separação ou divisão. E porque pode aproximar pessoas e o escrutínio de ideias e posições, pode também

fortalecer vínculos, favorecer o descortino de mais altas e amplas compreensões e horizontes de entendimento entre pessoas e grupos, povos e sistemas, contribuindo para a convivência pacífica entre todos, instrumentalizando a cultura da paz.

Segundo a teoria da comunicação, emissor e receptor dispõem de repertórios diferentes não apenas linguísticos, mas também de experiências, emoções, virtudes e dificuldades, que vão influenciar na codificação e decodificação das mensagens, e evidenciar repertórios de cultura de paz ou de revolta. Emissor e receptor podem ser tomados agora como dois universos  e  que podem não se tocar, apesar de estarem fisicamente próximos, por circunstâncias fortuitas ou por ruídos no processo de comunicação, representados por algumas características personalógicas e/ou pelo conteúdo de seus repertórios, o que pode conduzir a posições opostas e mesmo antagônicas, chegando à inimizade:



Transpondo estas breves considerações para o universo das religiões, temos que a relação entre elas pode também padecer desta posição de antagonismo ou pode igualmente viver clima de paz, respeito e harmonia, como entre os indivíduos.

O diálogo bem conduzido representa um esforço ontológico necessariamente entrelaçado com reflexões práticas. E no universo das religiões impõe-se, desse modo, também o diálogo, raramente lembrado como tal, entre a dimensão teológica e a prática, na vivência existencial de seus seguidores. E todas as religiões, no fundo, não só propõem, mas estruturam-se no diálogo com Deus como elemento fundante de sua proposta para estar com o outro ser, o irmão em Deus. Explicita-se assim um verdadeiro vínculo de responsabilidade entre reflexão e ação, entre práxis (experiência de vida) e “logos” (pensamento abstrato), de modo que a existência das pessoas de religião seja ou deva espelhar a manifestação concreta de suas convicções religiosas e éticas, ou seja, pensamento e reflexão em pacto indestrutível com a práxis, a situação concreta da existência, de modo a viver

sua humanidade sob a luz e à luz profunda de Deus, no diálogo inter-religioso.

2 O ESPAÇO FENOMENOLÓGICO E A ÉTICA DO INTER-HUMANO

É nesse campo de reflexões religiosas profundamente ligadas a uma ontologia que é necessário pensar a relação, o diálogo com Deus para determinar o diálogo com o outro, no palco da existência. Esse diálogo com Deus se dá através do próprio homem, que frequentemente recorre a representante de sua religião, e mediante os diferentes repertórios das várias religiões. Todas postulam e recomendam a chamada regra áurea, o amor ao próximo como dever religioso, como norma de conduta, como expressão do verdadeiro amor. Isto está claro não só no cristianismo, como Jesus enunciou – “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o também a eles; porque esta é a lei e os profetas. (Mateus, 7:12); está também igualmente claro nos livros e ensinamentos sagrados de todas as religiões, como, por exemplo, no bramanismo, budismo, confucionismo, islamismo, judaísmo, taoísmo, enfim, nas cristãs e nas não cristãs. É a reciprocidade, que guarda categoria de lei no universo, enunciada por Jesus, por exemplo, no Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os misericordiosos porque obterão misericórdia” (Mateus, 5:7), na Oração do Pai Nosso: “Perdoa as nossas dívidas assim como devemos perdoar a quem nos tenha ofendido” (Mateus, 6: 9-13; Lucas 11: 2-4) e por Francisco de Assis, em sua Oração: “...é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado”.

Fica então como desafio: já que não há diferença na essência das religiões, no amar a Deus e no fazer ao outro o que se deseja que se lhe faça, então, por que ainda há desentendimentos e verdadeiras guerras, não entre as religiões, mas entre os seguidores das religiões? A resposta pode estar na condição dos autoproclamados seguidores das religiões, que não conseguiram ainda trazer a ética normativa de sua religião – de valores imperecíveis, que atravessam os tempos e os espaços – para a sua prática existencial

de todas as horas e não somente nos momentos das orações nos templos, distinguindo, em si mesmos, a criatura que é religiosa no espaço religioso, e a outra, que é ela mesma, mas que não se apresenta, não vive como tal em outros contextos.

A essência da postura de diálogo com Deus e com o outro é bem caracterizada por Martin Buber em sua filosofia do diálogo – da relação, ponto central de toda a sua reflexão tanto no campo da filosofia como nos ensaios sobre religião, política, sociologia e educação. A esse respeito, ele nos fala da autenticidade da vida enquanto tal, que é ser vida de encontro (*Begegnung*), assim como da autenticidade do encontro, que só é atingida numa vida de atualidade, de presença objetiva, de “presentificação” mútua do eu e do tu, em uma atuação recíproca¹.

Estar com o outro é da Lei de Deus, como Lei de Sociedade, tal como tratado pelo Espiritismo², é ferramenta de evolução do ser, posto que o Pai nada de inútil criou, pelo contrário, tudo criou para que sirva ao bem de todos os indivíduos e coletividades e ao bem.

Para estar com o outro em plenitude, é preciso que cada qual ofereça um espaço em si mesmo para que o outro ali esteja, quer se trate da relação entre indivíduos, grupos ou religiões. Engana-se quem possa pensar que a cessão desse espaço ontológico significa perda e empobrecimento do ser, do grupo ou da religião; muito pelo contrário, esse é um espaço fenomenológico em que cada um recebe o outro em si, e, assim fazendo, enriquece seu universo por tratar-se de uma área de *overlapping*, ao mesmo tempo em que – ou exatamente por isso é que – ambos mantêm sua identidade, sua integridade de ser completo, indivisível, intransferível, mas passível de enriquecer-se, tal como nos diz a teoria dos sistemas. Assim, o indivíduo deixa de alimentar um eventual grau de clausura – que, aliás, todos têm/temos em maior ou menor grau, mercê de convicções firmadas e ideias formadas – e passa a constituir-se em sistema aberto – ao outro, ao mundo, às diferenças, à humanidade do outro, ainda que este tenha dificuldades e características diferentes ou mesmo

contrárias às suas. Cria-se então uma área interexistencial, interpessoal, inter-humana, na qual vigora uma ética inter-humana, de respeito e busca do que o outro é, para conhecê-lo, compreendê-lo e, enfim, amá-lo, porque é muito difícil amar a quem não se conhece.

Na perspectiva dessa filosofia do encontro, os universos dos indivíduos, grupos, religiões vão-se aproximando cada vez mais, através do conhecimento – “diá” + “logos” – gerando esse espaço fenomenológico:

em vez de  ou de 

construir 

Esse espaço fenomenológico é o *locus* privilegiado para a prática da tolerância, da solidariedade e da caridade, entre indivíduos, grupos, religiões.

3 REQUISITOS PARA O ENCONTRO EM DIÁLOGO

“Estar pronto é tudo” é postura que Shakespeare enunciou através dos lábios de Hamlet, e que serve a todos, em qualquer situação, inclusive na de encontro, com a qualidade de diálogo. A situação pressupõe disponibilidade de ambas as partes, sejam indivíduos ou religiões, ou, melhor dizendo, indivíduos seguidores de religiões; e também o conhecimento, do outro e de si mesmo, fazendo eco ao autoconhecimento, legado de Sócrates, mesmo em se considerando que há nuances na disposição de ir ao encontro de pessoas diferentes e com propósitos diferentes, como um gerente de banco, um vendedor, um professor, um amigo... Quaisquer que sejam as circunstâncias ou os objetivos, é inevitável o encontro de pessoas, com suas emoções, ideias, ensinamentos, enfim, com a bagagem emocional e até intelectual de ambas as partes. O autoconhecimento propicia as condições para que eventuais diferenças nessas instâncias não se constituam em embaraço para um verdadeiro encontro.

Quanto mais vezes e com mais disposição vamos ao encontro do outro, mais o encontramos, mais desenvolvemos e ampliamos a qualidade desse espaço fenomenológico na relação. Por isso, reveste-se de

importância a manutenção, pela UERJ, de um programa como o PROEPER, que possibilita esse espaço de convívio com as vertentes religiosas, e assim contribui para a postura de construção da paz no mundo.

A situação vai exemplarmente ilustrada, no encontro, dentre muitos, de Jesus com a samaritana (João, 4:3-42), de Nicodemos com Jesus (João, 3: 1-12), sobre o (re)nascimento, o que é emblemático para o nascimento do respeito e consideração entre pessoas e entre seguidores de religiões, de forma a alcançar o patamar do amor entre todos. É o encontro inter-religioso, mediante o diálogo inter-religioso.

O encontro verdadeiro é uma relação de essência, e suas principais categorias são palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano. O homem é um ser de relação, por isso Merleau-Ponty postula que o sujeito não é pura interioridade, mas é também abertura ao outro, saída para o outro. A alteridade essencial se instaura somente na relação eu-tu. O tu pode ser qualquer ser que esteja presente nesse “estar-diante-de”: homem, Deus, uma obra de arte, uma pedra, uma peça musical, uma teoria, uma religião.

A dialogicidade requer algumas posturas, imprescindíveis, para que o verdadeiro encontro aconteça. Ouvir com atenção, sem ideias preconcebidas ou juízos antecipados e cristalizados; educar o olhar para que não se preste como instrumento para reforçar tais ideias e juízos; usar a prece como recurso de harmonização; visualizar antecipadamente o encontro infundindo-lhe, por antecipação, clima de respeito, amizade e fraternidade; falar com cuidado, pois, como diz a sabedoria oriental, o homem é senhor da palavra antes de dizê-la, mas é escravo dela depois de enunciá-la.

A palavra como diá-logo é o fundamento ontológico do inter-humano. Reconhecida pela intencionalidade que a anima, ela é o princípio ontológico do homem como ser dia-legal e diapessoal. A qualidade de todas essas e outras providências e posturas mento-espirituais decorre do grau de

desenvolvimento de nossa inteligência intrapessoal, interpessoal e emocional – o que nos permite o autoconhecimento e o conhecimento do outro, até onde nos seja possível, claro – e nos permite também, nesse espaço fenomenológico, construir a paz, pelo menos entre essas partes, mas isso certamente se irradia para outras esferas da vida individual e da coletividade.

Na dialogicidade, na fenomenologia da relação, impõe-se a categoria do “entre”, o *zwischen* de Martin Buber, para instaurar o evento dia-pessoal da relação, ou seja, o “inter-valo” que existe entre o eu e o tu, e também entre o eu e o “isso” – termo que usamos aqui no sentido estritamente filosófico. Como vemos, só no encontro dialógico é que se revela a totalidade do homem, no que concordamos com Martin Buber e Merleau-Ponty.

4 RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO

Embora frequentemente confundidos um com o outro, efetivamente podem apresentar nuances conceituais diferentes.

4.1 RELIGIOSIDADE

É uma espécie de *chip* divino através do qual Deus facultou à criatura a ligação direta com Ele e Seu Poder, como patente na doutrina espírita; é feixe energético que serve à prece e ao pensamento disciplinado para as coisas de Seu reino, inclusive quando mergulhada na carne, como ser encarnado. É, portanto, uma espécie de instinto religioso, comum a todo o gênero humano, independentemente de raça, de época ou estágio evolutivo, acompanhando a humanidade desde os tempos primitivos até os nossos dias.

Para algumas religiões é necessária a presença de um intermediário para efetivar essa comunicação, o que não é próprio do espiritismo, que não tem³ sacerdotes ou intermediários para que a criatura se comunique com o Pai. O verdadeiro culto, para o espiritismo, é o culto interior, é o sentimento, a elevação do pensamento, reafirmando Jesus: “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros

adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.” (João, 4: 23-24)

4.2 RELIGIÃO

Pela definição dicionarizada, é a crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do universo e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s); é a manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios que envolvem, em geral, preceitos éticos. É um conjunto de conhecimentos, de ações e estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração com relação ao sagrado.

Em última análise, não é somente a diversidade de cultos externos e internos, mas, de forma abrangente, toda doutrina ou crença religiosa que leva o homem a aceitar a existência de uma causa suprema, determinante das leis universais nem sempre compreendidas, mas pelo menos pressentidas. Nesse aspecto, as religiões são como linguagens, cada doutrina envia a Deus, a seu modo, o voto de súplica ou de adoração. São dignas de todo acatamento pelo sopro de inspiração superior que as faz surgir. Segundo o espiritismo e Allan Kardec, é boa toda religião que conduz o homem a Deus.

Fica, pois, claro que todo ser está ligado a Deus, seu criador, e que para tornar manifesta essa ligação, pode recorrer ou não, à sua vontade, a intermediário(s), e por ser de sua vontade, não é lícito que se lhe aponte qualquer restrição ou crítica, ou mesmo perseguição, qualquer que seja a natureza em que se expresse esta última. E que todas as religiões, por terem chegado aos homens por inspiração superior, merecem, de todos, o mais absoluto respeito, mesmo que haja diferenças – e as há – entre os universos religiosos existentes. Convite claro e contundente para a prática das virtudes da compreensão, da tolerância e da

caridade.

4.3 *HOMO RELIGIOSUS*

O conceito refere-se à ideia de que a religiosidade é inerente à existência humana, e não se refere à crença em determinada religião ou seita, mas à inclinação essencial do homem para a transcendência, a busca de sentido para a existência e para a liberdade, não importa que vertente religiosa opte por seguir. Esse conceito foi proposto por vários filósofos e intelectuais, como, para citarmos apenas alguns, Hegel, Kierkegaard, William James, Erich Fromm, Nicolescu, Edgar Morin, e a doutrina espírita.

Do ponto de vista filosófico, o fenômeno da religiosidade faculta o aparecimento da religião, essa manifestação tipicamente humana, posto que está ausente nos outros seres vivos. É, portanto, razoável afirmar que o homem é também *religiosus*, além de *sapiens*, *volens*, *socialis*, *faber*, *loquens*, *ludens* ... Edgar Morin⁴ nos fala do *homo complexus*, ao qual, além dessas facetas, ele acrescenta ainda outras, como *homo demens*, *homo empiricus*, *homo economicus*, *homo consumans*, *homo imaginarius*, *homo prosaicus*, *homopoeticus* ... Todas elas refratando a essência do ser em sua experiência encarnatória.

O ato religioso é fundamental quando o homem assume, perante o sagrado e o divino, posição subjetiva totalmente particular, ou seja, quando *él* está emotivamente atingido e atraído pelo objeto e entra em contato pessoal com ele: esse é o lado psíquico ou interior da religião. Ora, se o homem é *religiosus*, se tem esse *chip* divino, o que lhe infunde condição de fato e de direito, por outorga divina; se é *sapiens*, dotado de inteligência, de reflexão, e se é na reflexão que se toma consciência do ser, do sagrado; se é dotado de liberdade, e ante o sagrado pode dizer sim ou não, pode aceitá-lo ou dispensá-lo, a Ele submeter-se, amá-lo, ou contra Ele revoltar-se, porque mais cedo ou mais tarde, pela reencarnação, acabará por assimilar sua verdade como criatura de Deus – como não

reconhecer o mesmo direito ao outro, que é seu irmão, como optar pela contramão da tolerância e magoar, desrespeitar, discriminar e até mesmo perseguir o irmão?

5 FÉ E RAZÃO

Esse é um raciocínio de natureza racional que o indivíduo não costuma seguir quando se trata de estar diante do outro – indivíduo, grupo, religião. Porque projeta sua identidade em sua fé, então, qualquer coisa, ideia, situação, indivíduo, instituição, ação que se apresentar como diferente tende a constituir-se, geralmente, para aquele que assim crê, do ponto de vista psicológico, como uma agressão à sua própria pessoa. Mas isso se constitui em armadilha do indivíduo para si próprio: se tem fé nas orientações de sua religião, e se as tem como verdadeiras, e se toda religião recomenda a tolerância, o respeito a tudo e a todos, como criações de Deus, como – e por que – rejeitar, desconsiderar, humilhar, perseguir até? Talvez tenha sido desse ponto de vista que Kierkegaard, considerando que o risco é elemento inseparável da verdadeira experiência religiosa, tenha dito que sem risco não há fé, e quanto maior o risco tanto maior é a fé – que o digam os mártires em nome de Deus. É o que constatamos na interpretação, *gauche*, que alguns seguidores fazem de orientações de sua(s) religião(ões), para justificar que chegam a atentados e a outros desatinos em nome da fé, desatinos que a história registra, no passado e lamentavelmente também no presente, e que lembraremos brevemente mais adiante.

É imprescindível que a razão, a análise, a ponderação sejam conselheiras toda vez que o *homo emocionalis* impetuosamente conduz o ser a algum desvio do caminho reto apontado pela sua religião, e mesmo no curso da vida comum, pela sua escala de valores.

A aceitação da fé não *é/não* deve ser irracional. Racional deve ser também a abordagem às estruturas que subsidiam a fé, que lhe constituem o *corpus* teórico, tudo submetido à razão. Essa a posição do espiritismo, que estatuiu intelectualmente a fé

raciocinada. “Ou seja: codificou na linguagem intelectual da filosofia e da ciência o recado espiritual de conciliação, de que tudo está em tudo. Pôs o constructo teórico do empirismo e do positivismo a serviço da metafísica, conciliando o que era tido como inconciliável.”⁵Allan Kardec justifica explicando a aliança da ciência e da religião⁶:

A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

Enfim, “Fé inabalável só é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da humanidade.”⁷

6 A TOLERÂNCIA

É a virtualidade no ser que aguarda des-velamento mediante as experiências que a vida propõe a todos, tanto no plano individual quanto no coletivo. Ainda se constitui desafio para a humanidade, mas a vida, por desígnios superiores do processo de evolução na terra, atualmente nos oferece cada vez mais numerosas oportunidades de desenvolver essa virtude, nos vários palcos de nossa existência. Sobretudo em tempos de globalização, cada vez mais estamos em contato com o novo.

6.1 O IGUAL, O DIFERENTE, O DISCREPANTE

Estar diante do novo, ninguém o desconhece, geralmente implica uma certa insegurança. Para o ser humano comum, é fácil e confortável estar diante do igual, cujas características e mecanismos já lhe são conhecidos, é praticamente viver diante de uma cópia de si próprio. O desafio se delinea quando o ser humano é posto diante do diferente,

o que requer um realinhamento de postura íntima, pelas surpresas que podem advir desse contato. Vê-se que isso requer mudança, e ninguém desconhece que o ser humano costuma resistir a mudanças, mesmo que as verbalize como necessárias. Em progressão, esse processo continua para atingir o patamar do estar com o discrepante, que pode colocar-se/estar nos antípodas de nossos valores mais caros e superiores, e, portanto, de nossos hábitos, inclusive cognitivos e intelectuais, mas sobretudo morais. A gradação ascendente de tal processo é mecanismo da lei de Deus para que nós, seus filhos, aprendamos a nos irmanar como verdadeiros irmãos que somos, por paternidade divina, e transmutemos em tolerância, compreensão e caridade, a rigidez e a altivez de julgarmos que os outros é que estão errados simplesmente porque são diferentes, a suposta superioridade de que os discrepantes não merecem atenção ou respeito ou mesmo ajuda. Tudo isso requer uma nova postura mento-espiritual.

Todas as religiões recomendam a caridade, e a tolerância é “(...) fruto da caridade que constitui a base da doutrina espírita, lhe impõe como um dever respeitar todas as crenças (...)”⁸A tolerância implica a condescendência em relação a outrem, seja de referência às suas opiniões ou comportamento, ou ao direito de crer no que lhe aprouver – e a liberdade de consciência, de pensar e de crer inscreve-se como direito natural do homem⁹ – pautando as suas atitudes nas linhas que lhe pareçam mais compatíveis ao modo de ser, desde que não firam os sentimentos alheios, nem atentem contra as regras da dignidade humana ou do estado, desarmando-se de ideias preconcebidas, da censura sistemática, dos prejuízos de raças, de castas, de crenças, de grupos...

A tolerância, apanágio da humanidade, é atitude consciente, humana, sem restrições, compreensiva. É que atingidos certos níveis de consciência, não é mais possível ao homem agir diferentemente, ainda que com o preço da própria vida física. Acaso ocorre a alguém imaginar Jesus, Sócrates, Gandhi – para

citarmos apenas alguns – reconsiderando, desdizendo a mensagem de que são portadores, a verdade na qual creem e que encarnam?

Tais atos seriam capitulados como profanação no templo da consciência.

7 A ÉTICA DA COMPREENSÃO¹⁰

Na esfera da religião, e no exercício da fé, ergue-se a tarefa da educação como caminho para ensinar o indivíduo a estar com o outro, porque é árduo o exercício do respeito às diferenças. Isso implica naturalmente uma ética voltada para o respeito e para a liberdade, na direção de uma cultura pluralista.

Hoje, como sempre, impõe-se educar para a compreensão, trabalhando sistematicamente as posturas que se lhe constituem obstáculos como o egocentrismo, o egoísmo, o etnocentrismo, o culturocentrismo, o reducionismo, dentre outros.

Nesse caso, é preciso compreender a incompreensão. Esta é a postura fundante da ética da compreensão, que se assenta sobre o pensar reto e justo, sobre a abertura subjetiva do *sin-pathós* para com o outro, ou seja, de sentir ao mesmo tempo que o outro, sentir com ele, vale dizer, uma ética fundada na interiorização da tolerância.

8 A FILOSOFIA DA TOLERÂNCIA

A ética da compreensão inscreve-se em uma filosofia da tolerância, de que aliás já falou Descartes, que postula o princípio de igualdade entre todos os homens, sem qualquer distinção, e objetiva substituir a força pelo diálogo, na perspectiva que o homem deve desenvolver e sempre compreender o ponto de vista do outro.

É preciso educar para a tolerância, fortalecendo cada vez mais essa tendência a admitir modos diferentes de pensar, sentir e agir, na esfera pessoal, política ou religiosa, de indivíduos, grupos, classes, organizações e quaisquer outras estruturas.

A esse propósito, fica cada vez mais evidente a necessidade da educação para a tolerância, ao constataremos os lamentáveis e cada vez mais frequentes eventos de violência entre torcidas em

jogos de futebol, da prática de *bullying*¹¹ em nossas escolas, que encontra seu correlato no mundo do trabalho como assédio moral¹².

A tolerância religiosa, particularmente, deixa a cada um a liberdade de praticar a sua religião, no âmbito das relações entre indivíduos, e do estado com o indivíduo, configurando, neste caso, o tolerantismo.

A tolerância é um princípio de moral ligado ao respeito elementar das pessoas morais, e como tal mereceu a reflexão de Bayle e de Voltaire, que expressou a conhecida posição de que é obrigação moral de cada indivíduo defender sempre o direito de proferir uma opinião, por ignóbil que seja, o que não implica a defesa do que seja ignóbil, mas a garantia do direito de expressão.

Mesmo que antagônica à sua ideia ou crença, o indivíduo educado na tolerância, ou para a tolerância, sabe que a posição diferente pode trazer-lhe enriquecimento pessoal, intelectual e/ou moral. Niels Bohr postula a possível existência de alguma verdade na ideia antagônica à nossa, e é esta verdade que é preciso respeitar. É sempre bom lembrar que a democracia nutre-se também de ideias diferentes ou mesmo antagônicas.

Cumpramos ressaltar que a verdadeira tolerância não é indiferente às ideias, ao desrespeito e ceticismo encontrados no mundo. Ela supõe convicção e opção ética associadas à aceitação da expressão das ideias, opções, convicções opostas. Isto quer dizer que a tolerância vale, com certeza, para as ideias, mas não para atos de perseguições de qualquer natureza, agressões, insultos, carnificinas, atos homicidas.

Este é um caso em que é necessário ser intolerante com o intolerável, que se manifesta em toda e qualquer manifestação contra a vida, a dignidade do ser, a ausência de justiça e respeito, enfim, de todo e qualquer tipo de violência contra o homem.

9 A MEDIDA DA TOLERÂNCIA

A tolerância é compreensiva, o que não significa indiferença, mas disposição para com todos, implica esquecimento das diferenças, e certamente envolve perdão, sendo, portanto, fruto da caridade. Tolerância

é indulgência, condescendência para com o outro, e revela ascendência espiritual. Não tem ideias preconcebidas, nem censura, nem causa prejuízos para alguma raça, crença, sistema de ideias, e assim por diante. Enfim, tolerância é uma atitude da consciência humana, sem restrições, ironias ou insensibilidade.

Mas a tolerância requer também certos cuidados: ela precisa de disciplina e justiça, porque há o perigo da dosagem: em dose excessiva, pode transformar-se em veneno, mas o veneno disciplinado pode ser fonte de vida. Nessa linha de raciocínio, tolerar um desequilíbrio alimenta a força contrária à sua própria natureza.

A tolerância é marca e base das religiões, em sua essência. O guru Granth Sahib, nas escrituras siques, enfatiza a igualdade entre os seres, pois na moradia do ventre não existe genealogia nem *status* social, uma vez que todos viemos da semente de Deus. Já o Dalai Lama, respondendo a um jornalista, declarou que a melhor religião é a que faz o homem melhor, e Allan Kardec proclamou que é boa toda religião que conduz o homem para Deus. E o apóstolo Paulo alerta na epístola aos Gálatas (5,13-15):

Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos.

10 AMOR, TOLERÂNCIA, PERDÃO E CIÊNCIA

Nas últimas décadas, inúmeras pesquisas mapearam o cérebro humano, conceituaram um cérebro emocional, a tal ponto que a década de 1990 é chamada a “década do cérebro”. Com a recente instituição da psiconeuroendocrinologia, e com o intenso progresso das neurociências, cada vez mais se comprovam os postulados que antes eram frequentados apenas na esfera da religião.

A ciência hoje já comprova a relação estreita entre pensamentos bons, de paz e harmonia, emoções

positivas, e o estado de saúde mental e física, bem como os nexos de causalidade entre pensamentos de desequilíbrio e maldade, emoções negativas, e o estado de doença, tal como antecipado pelo espiritismo.

A chamada biologia das emoções enuncia essa inter-relação como uma equação, em que o amor dá a saúde e o mal dá a doença, com base em dados de laboratório que estão comprovando que a mente transforma ideias e expectativas em realidades bioquímicas.

Assim, o Evangelho de Jesus e os fundamentos de amor de todas as religiões não são mais, como até algum tempo atrás, uma questão de mística, ou para místicos; são hoje uma questão de ciência.

Desse modo, o amor, o perdão, a fé, o bom ânimo, a oração, a alegria, a fraternidade, a tolerância e seus análogos são hoje tidos pela ciência como elementos deflagradores de saúde mental e física, e inversamente, a intolerância, o ódio, o ressentimento e seus análogos engendram a doença mental e física. Admitamos que é no mínimo um exercício de inteligência a prática dos preceitos fundados no amor, porque trarão esses benefícios tanto ao indivíduo quanto às coletividades.

Não foi por acaso que Jesus disse várias vezes “Tua fé te curou”, “Perdoai setenta vezes sete vezes”, “Amai os vossos inimigos” e assim por diante. E elevou a mansuetude, a tolerância à categoria de bem-aventurança (Mateus, 5:5): “Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra.”

11 A INTOLERÂNCIA

A intolerância alimenta-se também de monoideias, ideias fixas que acabam por fazer o homem exercer o autocerceamento, passando a viver situações sabidamente efêmeras no plano filosófico, racional, mas não necessariamente no plano psicológico, emocional. Com isso o homem torna-se escravo de postulados que lhe proíbem a expansão da alma, do psiquismo, pela ideia, pela razão: no sectarismo, ele encarcera a liberdade de consciência, revela e até aumenta seu grau de clausura, fechando-se à realidade

de si mesmo, do outro, do mundo e até de Deus.

De uma ou de outra forma o homem engendra intolerância, vício espiritual que visa a anulação da identidade do outro. No plano psicológico, torna-se manifesta como preconceito e como hostilidade, que medram na intimidade da criatura, forjando a atitude, conceitualmente também interior. Mas o homem é expressão, comunica-se, como tudo o mais no universo, e essas características íntimas operacionalizam-se, materializam-se na discriminação e na agressão, que não são atitudes, mas comportamentos, cuja função é exteriorizar as atitudes, que são internas.

Pode-se dizer que nenhuma das formas de ser e estar no mundo até hoje escapou ao grilhão da intolerância, que já se voltou contra ideias e sentimentos, crenças, etnias, gêneros, culturas, civilizações, estados e nações.

11.1 INSTÂNCIAS DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

As vertentes religiosas celebram a liberdade de pensamento e de consciência do ser humano e advogam que a ninguém assiste o direito de criar obstáculos ao livre arbítrio do outro. Liberdade de religião é valor coerente com todas as outras instâncias de liberdade e pode até contribuir para sustentá-las. No entanto, projeta-se no âmbito da intolerância religiosa o mesmo mecanismo pelo qual o homem cerceia tanto a própria liberdade quanto a alheia.

Assim, verifica-se intolerância religiosa inter-religiões, tanto por questões de essência no campo da teologia quanto por questões de natureza adjetiva. Podem ser lembrados exemplos como as Cruzadas, os “bruxos” da Idade Média, os permanentes conflitos entre judeus, muçulmanos, palestinos, católicos, e de um modo geral a história da conquista das Américas pelos europeus perante os nativos, e assim por diante. Há também disputa pela territorialidade do exercício da religião, como fica patente na questão de Jerusalém.

Já a intolerância intra-religião dá-se quando as regras vigentes são interpretadas contra seus próprios membros, como é o caso, para citarmos apenas

alguns, da Inquisição, de Soror Juana Inés de la Cruz, no México seiscentista, e da Teologia da Libertação.

Em qualquer dessas instâncias, tais práticas acabam sedimentando-se como paradigmas mentais, que se inscrevem no inconsciente coletivo de certos grupos, e como matrizes psíquicas que engendram doenças no corpo físico e no psiquismo, como vimos anteriormente, lembrando as pesquisas científicas nessa área, e que atravessam várias encarnações no espírito, até que ele reencontre o equilíbrio.

11.2 MATRIZES PSÍQUICAS

Religiões se constroem com a crença coletiva em certos valores, que podem assumir feição de dogmatismo, ortodoxia e fundamentalismo.

O dogmatismo, que pela raiz “dogma” está etimologicamente ligado ao conceito verdade, define-se filosoficamente como doutrina que parte de uma certeza prévia, que se assenta sobre um ponto fundamental e indiscutível, ou como doutrina que alcança uma certeza. A rigor, em essência, não leva necessariamente aos caminhos da intolerância, mas, se levado a extremos, torna-se facilmente instrumento hábil para rigidez e clausura mental, para sectarismo e intolerância.

Por sua vez, a ortodoxia designa o exato cumprimento de uma doutrina religiosa, defende a preservação de uma doutrina, o que não implica necessariamente estar fechada ao diálogo.

Já o fundamentalismo, de que tanto se fala atualmente, faz uma interpretação rígida de alguma doutrina, mas de maneira excludente, de forma que, ao considerar que está com a verdade, conclui automaticamente que o outro está com a mentira. Caracteriza-se pela simplificação extrema da doutrina para a solução de problemas materiais mais imediatos, faz uso de técnicas agressivas de propaganda para massificar a religião, e adota posições políticas conservadoras, visando desencorajar posições críticas aos problemas sociais, principalmente como reação ao processo de modernização e rejeição a conquistas da cultura liberal, ao mesmo tempo em que busca incorporar o sagrado à política e à causa nacional.

A face do fundamentalismo que é capaz de matar em nome da religião assume a feição de fanatismo, que representa fidelidade intolerante e cega a uma interpretação inflexível de mandamentos religiosos. O terrorista e o homem-bomba de nossos dias, ao que parece, têm certeza de serem portadores de uma verdade inquestionável que eles tentam impor tiranicamente a outros.

Esse é um modo de o homem viver a crença sem limites, ou um modo que ultrapassa a própria fé, tornando-se uma espécie de volúpia, de fúria cega, dirigida ao próximo e a ele mesmo.

Seguir ao pé da letra os fundamentos e princípios de uma religião, descontextualizados de processos históricos, é mantê-los engessados, sem capilaridade com o mundo, para atender as necessidades da criatura humana, por isso que: “Caminhando de par com o progresso, o espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”¹³. Vem a propósito a advertência do apóstolo Paulo, alertando para o fato de que “(...) a letra mata, mas o espírito vivifica” (2 Coríntios 3:6). E quando a letra prevalece, a fé torna-se cega e alimenta uma fúria igualmente cega, em que o ódio gera o ódio, através do qual a religião transita, da condição de esclarecimento e conforto espiritual para a de algoz, que tem patrocinado ciclos de violência desde as Cruzadas.

Essa face do fundamentalismo, de tão amplas proporções na atualidade, chega a obscurecer a feição positiva que ele pode ter, porque nem todo comportamento fundamentalista tem base na intolerância, na intransigência e na fúria cega.

Na verdade, manter a essência de doutrinas e normas, guardando fidelidade aos valores eternos, ou seja, seguir os fundamentos de uma religião visando o atendimento a necessidades espirituais, morais e até mesmo materiais do homem, caracteriza a feição positiva que o fundamentalismo pode ter e que pode ser ilustrada, por exemplo, na doutrina espírita codificada por Allan Kardec, que formula a fé

raciocinada, e na Teologia da Libertação.

Já a intolerância religiosa gera a inquisição, a prisão e até a supressão de minorias religiosas, como foi o caso dos judeus na Espanha ao tempo de Isabel, a Católica, no século XV, o dos protestantes na Europa sob Carlos IX, no século XVI, o da Noite de São Bartolomeu, a 24 de agosto de 1572, em França. E gera também outras consequências como o aviltamento de símbolos, ou de bens simbólicos de uma religião, como a queima de livros espíritas pelo bispo de Barcelona, conhecida como o auto de fé de Barcelona, a 9 de outubro de 1861, a depredação de imagens e outros bens do universo material e/ou simbólico de vertentes religiosas, que assistimos em telerreportagens não faz muito tempo. Tudo com base em uma “lógica” de defesa dos fundamentos da fé, que vê outras doutrinas como “ameaças”, como aconteceu também na América Latina, inclusive no Brasil, com relação, por exemplo, à religião dos indígenas, ao espiritismo, à umbanda e ao candomblé.

12 O LOCUS DO AMOR E DA TOLERÂNCIA

Como ficou patente, a questão da liberdade, da tolerância religiosa e do diálogo inter-religioso abrange as várias instâncias do ser: o pensar, o sentir, o agir.

Devemos ter cuidado ao nos prepararmos para o encontro diá-lógico, pois muitas vezes nos deixamos traír pelas palavras que usamos, como por exemplo, e usamos apenas um, o caso de “lutar contra a intolerância”. Ora, “contra” e o prefixo “in” carregam significado de negação, e como sabemos, em lógica duas negações equivalem a uma afirmação. Assim, para evitar reforçar a matriz psíquica do confronto, do enfrentamento, que têm carga emocional de negatividade, oposição, contrárias, portanto, à proposta do diá-logo, inclusive inter-religioso, será mais interessante usarmos esforço, proposta etc. dependendo do caso e da circunstância.

Materialmente falando, as práticas religiosas, em sua dimensão de exterioridade, através das ações ditas concretas, exigem territorialidades, importantes para a manutenção da religião e de seus ritos, inclusive com a conquista de novos espaços para o exercício

do poder da religião. Em alguns casos, podem servir a projetos políticos de poder, a partir da religião.

Territórios religiosos, individualizados por imagens e símbolos de natureza diversa, evidentemente, têm limites físicos, porque inscrevem-se conceitualmente no espaço cartesiano. Há que se ter cuidado no sentido de não criar total dependência do espaço físico, que pode ser um elemento favorecedor do sectarismo e do fanatismo, embora no atual estágio evolutivo do homem na terra, ele ainda precise de referenciais de concretude para sua prática religiosa, como, de resto, para todas as demais, mas também sabemos que algumas práticas exigem dimensionamento espacial específico para que se cumpram os rituais.

Mas o progresso tem trazido contribuições importantes no que se pode chamar de sutilização do espaço, com o advento do espaço virtual, através das conquistas no campo da informática, pela prática na *internet*. Tal espaço desprovido de dimensão física, antes privativo de filósofos, matemáticos e poetas, é hoje vivência de todos, inclusive para práticas religiosas, como se pode facilmente constatar em *sites*, através dos quais postam-se diante do Muro das Lamentações e dirigem-se a Deus, ou em *sites* que oferecem missas e velas virtuais aos fiéis.

Mas exatamente onde se dá o exercício da religião, bem como todas as demais práticas humanas? A rigor, nada disso, no fundo e em essência, se dá no espaço físico cartesiano, mas na intimidade profunda do homem, na condição de *locus*, que é o ser, o homem, configurando-se como espaço espiritual-psico-fenomenológico.

Tudo está e se passa no ser, nesse *locus* imponderável e impalpável, território virtual do amor e da ética, da compreensão e da tolerância em todas as suas esferas de manifestação.

Por isso Jesus instruiu a samaritana, no diálogo famoso, anotado por João (5: 21,23): “(...) virá tempo em que não será nem neste monte nem em Jerusalém que adorareis o Pai. (...) Mas virá o tempo e já veio em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; esses os adoradores que o Pai quer.”

Hoje é o tempo em que os homens dão-se as mãos e discutem a (in)tolerância e a liberdade, que é outorga do Criador por sobre a criatura, o perdão e o amor, e assim, manifestando o inapelável impulso do deotropismo, continuam caminhando para Deus, conscientemente na companhia de seus irmãos, e continuam a construir a terra dos mansos até que, atingidos os mais altos níveis de consciência, possam abrir os olhos e ver o sol do amor e da tolerância, a refulgir por sobre todos os seres na terra.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977. Introdução e Notas de Newton Aquiles von Zuben. Nota 3 do tradutor, p. 159.
- ²KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 71.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1991. Questões 766-775, p. 359-361.
- ³O Espiritismo não tem sacerdotes, rituais, imagens, seja de santos, seja de quaisquer divindades, roupas especiais, bebidas, comidas, altares, defumador, velas, “pontos”, cultos materiais, não prescreve qualquer forma de paramento nem comporta o formalismo de funções sacerdotais, não permite o emprego de qualquer sacrifício em razão de crença, não tem sinais cabalísticos nem símbolos, tem nomenclatura própria, pois Allan Kardec, o codificador da doutrina, cunhou os termos espiritismo, espírita, espiritista para designar a doutrina e os seus seguidores.
- ⁴MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. p.58-60.
- ⁵COUTO VALLE, Nadja. *Reflexões à Luz do Espiritismo*. 2.ed. Rio de Janeiro: ICEB Edições, 2010. cap. 1, p. 18.
- ⁶KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 102.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1990. cap. I, item 8, p. 60.
- ⁷Idem. *Ibidem*. cap. XIX, item 7, p. 317.
- ⁸KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 22.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987. Segunda Parte, “Constituição do Espiritismo”, p. 349.
- ⁹KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Op.cit. Questões 833-850.
- ¹⁰O item VII e demais itens e subitens subsequentes são fortemente baseados no capítulo 4, “Liberdade e (In)Tolerância Religiosa” de nosso livro *Reflexões à luz do Espiritismo*, op. cit.
- ¹¹COUTO VALLE, Nadja. *Bullying, cyberbullying e dependências*. 1.ed. Rio de Janeiro: Novo Ser Editora, 2011.

cap. 1, p. 11-35.

¹² _____. *Pelos caminhos da educação 2*. 1.ed. Rio de Janeiro: ICEB Edições, 2009. cap. 13, p. 229-248.

¹³ KARDEC, Allan. *A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 25.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1982. cap. I, item 55, p. 44.

AMORIM, Deolindo. *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Centro Espírita Léon Denis, 1988.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Almeida*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. Introdução e Notas de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

COUTO VALLE, Nadja. *Reflexões à Luz do Espiritismo*. 2.ed. Rio de Janeiro: ICEB Edições, 2010.

COUTO VALLE, Nadja. *Bullying, Cyberbullying e Dependências*. Rio de Janeiro: Novo Ser Editora, 2011.

COUTO VALLE, Nadja. *Pelos Caminhos da Educação 2*. Rio de Janeiro: ICEB Edições, 2009.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1991.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1990.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 45. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1982.

KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. 34. ed. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.

KARDEC, Allan. *A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1982.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. *A via para o futuro da humanidade*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.